



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

Área de Japonês

**DANYELLA NUNES**

**UM BOM APRENDIZ DE LÍNGUA JAPONESA COMO LÍNGUA  
ESTRANGEIRA: SUA AUTONOMIA E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM**

BRASÍLIA

2017

**DANYELLA NUNES**

**UM BOM APRENDIZ DE LÍNGUA JAPONESA COMO LÍNGUA  
ESTRANGEIRA: SUA AUTONOMIA E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciado em Letras, pelo  
curso de Letras: Língua e Literatura  
Japonesa da Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

BRASÍLIA

2017

**DANYELLA NUNES**

**UM BOM APRENDIZ DE LÍNGUA JAPONESA COMO LÍNGUA  
ESTRANGEIRA: SUA AUTONOMIA E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília

**BANCA EXAMINADORA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Yûki Mukai – Universidade de Brasília  
(Orientador)

---

Profa. Ma. Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Universidade de Brasília  
(Examinadora)

---

Prof. Valdeilton Lopes de Oliveira – Universidade de Brasília  
(Examinador)

**BRASÍLIA**

2017

Dedico este trabalho aos meus pais Edion e Marlene, pelo amor, dedicação, carinho e todo o apoio que me deram. Dedico também ao meu irmão Rafael, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai Edion, por ter me criado com todo o amor e carinho e que me proporcionou a chegar até aqui. Agradeço minha mãe Marlene, pelo carinho, dedicação e compreensão, pelo apoio às minhas escolhas. Agradeço ao meu irmão Rafael, que sempre esteve ao meu lado me aconselhando e incentivando.

Ao Prof. Dr. Yûki Mukai, por aceitar me orientar durante este período de tantas turbulências e acreditar em mim. Agradeço a atenção e disposição ao me guiar na pesquisa. Agradeço pela paciência, dedicação e preocupação que tem com cada orientando seu.

À Profa. Dra. Tae Suzuki, pelo apoio, pelos conselhos e exemplo de dedicação ao ensino. Pelas tardes de leitura, em um clima descontraído.

Às minhas amigas Hsila e Masako e ao amigo Caio, por me incentivar sempre, me dando forças para continuar, além de proporcionar inúmeros momentos de alegria e descontração.

Aos amigos Guilherme e Camila, pela disposição em me ajudar e todo o apoio. Sem vocês, talvez não conseguisse concluir o trabalho.

Ao meu amigo Shigueru que, mesmo estando longe, me deu conselhos muitos sorrisos nos momentos que mais precisei.

Aos professores da Escola Modelo de Língua Japonesa de Brasília, por me incentivar e apoiar toda a jornada universitária.

A todos os professores da Área de Japonês da Universidade de Brasília, pelo carinho, atenção e ensino.

Ao participante da pesquisa, que me proporcionou a reflexão e melhor compreensão sobre a autonomia.

A todos, muito obrigado.

## RESUMO

Este trabalho se caracteriza como um estudo de caso que investiga a autonomia e estratégias de aprendizagem utilizadas por um bom aprendiz de língua japonesa. Os objetivos que nortearam este trabalho são (1) identificar os indícios de autonomia do participante da pesquisa a respeito da aprendizagem de língua japonesa como língua estrangeira, (2) identificar as estratégias de aprendizagem utilizadas pelo aprendiz e (3) analisar a relação entre o aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem. Para isso, recorreremos a três vertentes teóricas da Linguística Aplicada: a pesquisa sobre o bom aprendiz (RUBIN, 1975; STERN, 1975; NAIMAN et al., 1978; BROWN, 1994; MOURA FILHO, 2005), a pesquisa em autonomia (BENSON, 2001; STERN, 1995) e estratégias de aprendizagem (COHEN, 1998; OXFORD, 1990, 2003; O'MALLEY; CHAMOT, 1990; VILAÇA, 2007; PAIVA, 1998; LOPES, 2007). Trata-se de uma pesquisa qualitativa e sua natureza é o estudo de caso. O estudo se deu em uma universidade pública do Distrito Federal, no curso de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa. O participante é um aluno de nível intermediário na língua japonesa, aprovado pelo Exame de Proficiência em Língua Japonesa nível N2 em 2016, seu quarto ano de estudo, sem nunca ter ido ao Japão. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: questionário misto, narrativa oral com gravação e entrevista semiestruturada com gravação. Os resultados sugerem que o participante é um aprendiz bastante autônomo porque o estudante buscou, por conta própria, mais materiais que pudessem auxiliá-lo na evolução do seu aprendizado e também, contato direto com falantes nativos. Ainda, foi identificadas estratégias de aprendizagem cognitivas, ou seja, aquelas que trabalham com a memória do estudante. Além disso, o plano de estudo diário é característico da estratégia de aprendizagem metacognitiva. Traços da estratégia social estão presente no cotidiano depois de ingressar na universidade, onde o participante buscou contato direto com falantes da língua nativa. Dessa forma, o mesmo mostrou ter bastante atitude e motivação para continuar os estudos autônomos e utilizava de estratégias que auxiliassem melhor seus estudos, obtendo bons resultados.

**Palavras-chave:** Autonomia. Estratégia de aprendizagem. Bom aprendiz. Aprendizagem da língua japonesa como língua estrangeira.

## ABSTRACT

This work is characterized as a case study which investigates the autonomy and learning strategies used by a good Japanese language learner. The objectives that guided this work are (1) to identify evidence of autonomy by the research's participant regarding the learning of the Japanese language as a foreign language, (2) to identify the learning strategies used by the learner and (3) analyze the relation between the learner, his autonomy and learning strategies. For such purpose, three theoretical lines of research in Applied Linguistics were enlisted: the research about the good learner (RUBIN, 1975; STERN, 1975; NAIMAN et al., 1978; BROWN, 1994; MOURA FILHO, 2005), the research about autonomy (BENSON, 2001; STERN, 1995) and learning strategies (COHEN, 1998; OXFORD, 1990, 2003; O'MALLEY; CHAMOT, 1990; VILAÇA, 2007; PAIVA, 1998; LOPES, 2007). The work is a qualitative research and its nature is the case study. The research study took place in a public university located in the Federal District, in the degree course of Japanese Language and Literature. The participant is a student in the intermediate level of Japanese language, approved in the level N2 by the Japanese Language Proficiency Exam in 2016, being his fourth year of study without having ever gone to Japan. The instruments used to collect data were: mixed questionnaire, recorded oral narrative and recorded semi structured interview. The results suggest that the participant is an independent learner because the student sought, on his own, more materials that could aid him in the evolution of his learning, as well as direct contact with native speakers. In addition, cognitive learning strategies were identified, that is to say, those who work with the student's memory. Moreover, the daily study plan is characteristic of the metacognitive learning strategy. Traces of social strategy are present in the everyday routine after entering the university, where the participant sought direct contact with speakers of the native language. This way, the participant showed considerable attitude and motivation to continue the autonomous studies and used strategies that best aided his studies, achieving good results.

Keywords: Autonomy. Learning strategy. Good learner. Japanese language learning as foreign language.

**LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 – DIFERENTES DEFINIÇÕES PARA AUTONOMIA	9
QUADRO 2 – CONTRADEFINIÇÕES PARA AUTONOMIA	10
QUADRO 3 – DIFERENÇA ENTRE AS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E DE USO DA LÍNGUA	12
QUADRO 4 – RELAÇÃO DE MENÇÕES E NOTAS	16
QUADRO 5 – CARACTERÍSTICAS DO PARTICIPANTE	17
QUADRO 6 – RESUMO DOS PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	20



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1	Contextualização e justificativa .....	1
1.2	Objetivos .....	2
1.2.1	Objetivo geral .....	2
1.2.2	Objetivos específicos .....	2
1.3	Perguntas de pesquisa .....	3
1.4	Organização do trabalho .....	3
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	5
2.1	O bom aprendiz .....	5
2.2	Autonomia .....	9
2.3	Estratégias de aprendizagem .....	13
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	15
3.1	Método e natureza .....	15
3.2	Contexto de pesquisa .....	17
3.2.1	Descrição do curso de Letras-Japonês .....	17
3.3	O participante .....	17
3.4	Instrumentos de coleta de dados .....	20
3.4.1	Questionário misto .....	20
3.4.2	Narrativa Oral .....	21
3.4.3	Entrevista semiestruturada com gravação .....	21
3.5	Procedimento de coleta de dados .....	22
3.6	Procedimento da análise .....	23
3.7	Princípios éticos .....	23
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	24
4.1	As ações autônomas e estratégias de aprendizagem tomadas pelo aprendiz antes de ingressar na universidade .....	24
4.1.1	Ações autônomas .....	24
4.1.2	Estratégias de aprendizagem .....	26

4.2	As ações autônomas e estratégias de aprendizagem tomadas pelo aprendiz após ingressar na universidade .....	27
4.2.1	Ações autônomas .....	27
4.2.2	Estratégias de aprendizagem .....	28
4.3	Estratégias de aprendizagem autônoma mais relevantes .....	30
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>31</b>
5.1	Retomando os objetivos de pesquisa .....	31
5.2	Retomando as perguntas de pesquisa .....	31
5.2.1	Indícios de autonomia do participante de pesquisa .....	32
5.2.2	Estratégias de aprendizagem utilizadas pelo aprendiz.....	32
5.2.3	Relação entre o aprendiz, sua autonomia e as estratégias de aprendizagem .....	33
5.3	Contribuições do estudo .....	34
5.4	Limitações do estudo .....	34
5.5	Sugestões para pesquisas futuras.....	34
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>36</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....	<b>41</b>
	<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO MISTO</b> .....	<b>42</b>
	<b>APÊNDICE C – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> .....	<b>46</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Contextualização e justificativa

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar as estratégias de aprendizagem e a autonomia de um bom aprendiz de língua japonesa como língua estrangeira, estudante do curso de Língua e Literatura Japonesa (Letras–Japonês) de uma universidade pública do Distrito Federal.

Dentre os problemas enfrentados pelo curso, há a evasão dos alunos, principalmente a partir do nível intermediário, além das dificuldades enfrentadas para seguir para o próximo nível<sup>1</sup>. Nesse contexto, chamou atenção um bom aprendiz<sup>2</sup> especificamente.

Nesta pesquisa destacou-se um aluno do sexto semestre, nível intermediário. Na instituição em que foi realizada a presente pesquisa é considerado nível intermediário a partir do 5º semestre (no capítulo metodológico será abordado mais detalhadamente). Ele iniciou os estudos da língua japonesa em 2012 em uma escola de idioma e ingressou na universidade em 2014. O bom aprendiz e participante da presente pesquisa obteve um progresso relevante nos estudos até o presente momento. Em 5 anos, passou no nível N2 do Exame de Proficiência em Língua Japonesa. Atualmente, no seu terceiro ano na universidade, dentre os alunos que começaram a estudar a língua do zero, é considerado o aluno com melhores notas em sua classe. A razão pela qual escolhemos esse aluno para nossa pesquisa.

Sendo assim, a presente pesquisa é configurada como um estudo de caso, tendo como objetivo investigar a autonomia e as estratégias de aprendizagem da língua japonesa desse bom aprendiz.

---

<sup>1</sup>Todos semestres ingressam 28 alunos, mas no momento do primeiro semestre de 2017, na turma mais avançada (Laboratório de Língua Japonesa) só tem 8 alunos.

<sup>2</sup>Nesta pesquisa, um bom aprendiz é aquele que se destaca na turma em relação aos demais estudantes, além de obter boas notas. Em relação às notas das matérias de língua japonesa, foi conferida por meio do Histórico Escolar. Quanto aos detalhes, vide seção 2.1.

## **1.2 Objetivos**

Na pesquisa foram propostos os seguintes objetivos:

### **1.2.1 Objetivo geral**

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a autonomia e estratégias de aprendizagem da língua japonesa utilizadas por um bom aprendiz como estudo de caso.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

Os objetivos específicos são:

- a) Identificar os indícios de autonomia do participante de pesquisa a respeito da aprendizagem de língua japonesa como língua japonesa;
- b) Identificar as estratégias de aprendizagem utilizadas pelo aprendiz;
- c) Analisar a relação entre o aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem.

Esses objetivos norteiam as seguintes perguntas:

### **1.3 Perguntas de pesquisa**

Em seguida, apresentamos as perguntas que estão ligadas diretamente aos objetivos deste trabalho e que norteiam a pesquisa:

- a) Quais são os indícios de autonomia do participante de pesquisa a respeito da aprendizagem de língua japonesa como língua japonesa?
- b) Quais estratégias de aprendizagem são utilizadas pelo aprendiz?
- c) Qual é a relação entre o bom aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem?

### **1.4 Organização do trabalho**

Este trabalho conta com 5 capítulos, organizados da seguinte forma:

O capítulo 1 faz uma introdução. Apresenta a contextualização da pesquisa, justificativa do tema e problemas encontrados, assim como os objetivos e perguntas de pesquisa.

O capítulo 2 corresponde ao referencial teórico. Nele são apresentados os conceitos de um “bom aprendiz”, autonomia e estratégias de aprendizagem.

No capítulo 3 está a metodologia utilizada nesta pesquisa, onde são apresentados método, natureza de pesquisa, bem como são descritos o contexto, o participante, os instrumentos de coleta de dados e procedimentos para coleta e análise de dados.

O capítulo 4 corresponde à análise e discussão dos dados. Aqui serão apresentados, analisados e interpretados os dados coletados do participante.

No capítulo 5 retomaremos os objetivos específicos e as perguntas de pesquisa, além de apresentar as contribuições e limitações do estudo, além de sugerir futuras pesquisas.

## **2 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS**

Este capítulo traz as teorias que fundamentaram esta pesquisa e divide-se em três partes. A primeira refere-se à teoria do bom aprendiz, o foco desta pesquisa. A segunda trata-se da autonomia, onde descrevo sobre autonomia na aprendizagem de línguas. A terceira e última parte aborda o conceito das estratégias de aprendizagem de línguas.

### **2.1 O bom aprendiz**

De acordo com Brown (1993), com o progresso no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras foi possível perceber que não existe um método ou técnica de sucesso absoluto na aprendizagem de línguas, e sim, haviam aprendizes que apresentavam bons resultados de aprendizagem independente dos métodos e das técnicas. Para Van Lier (2000), até o surgimento da Abordagem Comunicativa o interesse no aprendiz era mínimo. Até então, o estudante bem-sucedido era quem estudava muito, e os que falhassem é porque não era inteligente o suficiente ou era muito preguiçoso. A percepção de que alguns estudantes tinham habilidades que as direcionavam ao aprendizado de línguas levou pesquisadores (RUBIN, 1975; STERN, 1975; NAIMAN et al., 1978) a caracterizarem o “bom aprendiz de línguas” e evidenciarem características como estilos e estratégias de aprendizagem associadas ao sucesso na aprendizagem.

Rubin (1975, p. 42) coloca que, a partir do estudo das estratégias dos bons aprendizes, podem surgir novas estratégias aplicáveis aos aprendizes com menores sucessos e seu consequente êxito na aprendizagem. A autora cita três pontos em comum relacionados aos bons aprendizes: atitude, motivação e oportunidade. De acordo com a autora, a atitude está menos sujeita a manipulações, por poder ser melhorada por meio de treinamento e por estar em interação com a motivação. A motivação é indispensável e é alta nos

aprendizes autônomos. A oportunidade é toda a atividade a qual o aprendiz está exposto, dentro e fora da sala de aula, em que pode praticar a língua.

Rubin (1975, p.45-48) classificou as estratégias de aprendizagens dos bons aprendizes conforme abaixo (tradução nossa):

- a) habilidade/interesse em “adivinhar”, no processo de aprendizagem;
- b) forte inclinação para comunicarem-se ou aprenderem por processos comunicativos;
- c) desinibição;
- d) preocupação com forma e conteúdo;
- e) valorização da prática;
- f) monitoração da produção linguística própria e de outras pessoas;
- g) valorização do sentido do que é comunicado.

Dessa forma, ao relacionar as características citada acima com os bons aprendizes e analisar suas estratégias de aprendizagem, poderemos futuramente aplicar tais estratégias àqueles com mais dificuldade de aprendizagem, podendo assim, obter seu consequente sucesso.

Stern (1975, p.304) acredita que, uma forma de entender o motivo de alguns estudantes terem mais sucesso na aprendizagem que os outros, é estudar o que os bons aprendizes fazem que não são realizados pelos aprendizes com menos êxito.

Em sua pesquisa, Stern (1975, p.311-316) encontrou as seguintes características relacionadas ao bom aprendiz de línguas e menciona serem caracterizações altamente especulativas. O bom aprendiz:

- h) desenvolve seu estilo próprio de aprender;
- i) inicia o processo de aprendizagem e adota uma postura de responsabilidade de aprendizagem;



- j) não tem medo da nova língua e, diante dela, tem uma atitude de descontração;
- k) tem conhecimento linguístico suficiente para encarar as dificuldades e complexidades relativas à língua que está aprendendo;
- l) elabora e testa hipóteses sobre a língua que está aprendendo a fim de potencializar sua aprendizagem;
- m) fica constantemente procurando significados para que possa entender atos de comunicação na totalidade deles;
- n) tem disposição para praticar o que está aprendendo e assim internalizar a nova língua;
- o) desenvolve mais e mais a língua que está aprendendo e aprende a pensar nessa língua.

Assim, podemos observar que os bons aprendizes têm atitude e procuram um estilo próprio de aprendizagem em que possa facilitar seu aprendizado. Além disso, procuram sempre praticar a língua e assim imergir-se dentro da língua.

A pesquisa realizada por Naiman et al. (1978) teve como base os trabalhos de Rubin (1975) e Stern (1975) e sua investigação pôde identificar as seis estratégias mais utilizadas pelos bons aprendizes. Essas estratégias possuem algumas alterações sobre as estratégias de Rubin (1975) e Stern (1975). Conforme Naiman et al. (1978), os bons aprendizes:

- a) selecionam um estilo próprio de aprendizagem;
- b) buscam envolver-se no processo de aprendizagem da língua que estão estudando;
- c) conscientizam-se de que a língua é tanto sistema quanto meio de comunicação;

- d) estão sempre preocupados em expandir seus conhecimentos sobre a língua;
- e) tratam a língua que estão aprendendo como um sistema independente;
- f) levam em conta as demandas impostas pela língua que estão aprendendo.

Brown (1994, p.192) afirma que as características dos bons aprendizes não são descobertas empíricas, mas sim, baseadas em observações dos professores e dos próprios aprendizes. Portanto, não se deve afirmar que todos os bons aprendizes possuem todas as características listadas nem que essas listas são completas.

Moura Filho (2005, p. 17) acrescenta que “não há ‘uma’ melhor maneira de ser um ‘bom aprendiz de línguas’. Ao invés disso, cada ‘bom aprendiz’ detém um conjunto de características”. Brown (1994, p.192) afirma ainda que, os estudos sobre o “bom aprendiz” são de interesse do professor, para preparar melhor os estudantes para a autonomia.

Moura Filho (1994) coloca ainda que os estudos sobre o “bom aprendiz de línguas” são complementares aos estudos relativos aos estilos e às estratégias de aprendizagem. O encontro dessas três bases (estilos, estratégias e o “bom aprendiz”) são essenciais à sistematização da autonomia.

Nesta pesquisa, um bom aprendiz é aquele que se destaca na turma em relação aos demais estudantes, além de obter boas notas. Em relação às notas das matérias de língua japonesa, foi conferida por meio do Histórico Escolar. Além disso, é indispensável a relação das características citadas acima com o participante desta pesquisa. Desta forma, identificamos que o participante possui as seguintes principais características: a atitude, que leva o aprendiz a desenvolver estilos próprios de aprendizagem, desinibir e praticar a língua estrangeira; a motivação, onde afirmou que seu sonho era “ir ao Japão”; e a oportunidade, onde o aprendiz busca sempre contato direto com a língua. Mais relações serão apresentadas no capítulo 4, onde fizemos análise e discussão dos dados coletados.

## 2.2 Autonomia

A associação entre autonomia e aprendizagem de línguas teve sua origem, segundo Benson (2001, p. 8), no Projeto Língua Moderna da Europa (Europe's Modern Language Project), iniciado em 1971, para o qual foi criado o Centro de Pesquisas e de Aplicações em Línguas Estrangeiras (Centre de Recherches et d'Applications em Langues – CRAPEL). O CRAPEL possui como fundador, Yves Châlon, considerado o pai da autonomia na aprendizagem de línguas por Benson. Após sua morte, Henri Holec assume a liderança do CRAPEL e produz, em 1981, um relatório para o Conselho Europeu, documento que fundou a associação entre autonomia e aprendizagem de línguas.

Benson e Voller (1997, p. 1-2) consideram que a expressão “autonomia de aprendizagem” é utilizada nos seguintes contextos:

- a) situações nas quais o aprendiz estuda totalmente por conta própria;
- b) conjunto de habilidades que podem ser aprendidas e aplicadas na aprendizagem autodirigida;
- c) capacidade inata que é suprimida pela educação institucionalizada;
- d) exercício da responsabilidade pelos aprendizes por sua própria aprendizagem;
- e) direito dos aprendizes de determinarem a direção de sua própria aprendizagem.

Ou seja, o aprendiz autônomo procura sempre por conta própria situações em que possa estudar independentemente, dirigindo e sendo o único responsável por sua aprendizagem.

Quanto às definições de autonomia, Dickinson (1987 apud NICOLAIDES, 2003, p. 23) diz que existem outros termos utilizados por linguistas aplicados. São alguns desses termos:

- autoinstrução – situações em que o aprendiz trabalha sem controle direto do professor;
- autodireção – aprendiz aceita responsabilidade pelas decisões de sua aprendizagem, mas não necessariamente assume a execução destas decisões;
- semiautonomia – estágio em que o aprendiz está se preparando para a autonomia;
- materiais de autoacesso – “são materiais apropriados e disponíveis para autoinstrução”;
- instrução individualizada – (CHAIX; O’NEIL, 1978 apud DICKINSON, 1978) processo de aprendizagem em que conteúdo, metodologia e ritmo são adaptados às características de um indivíduo particular.

Moura Filho (2009, p. 256) coloca que ainda falta um consenso nos estudos sobre autonomia na aprendizagem de línguas, devido às diversas definições utilizadas pelos pesquisadores. Segue abaixo o quadro elaborado pelo autor.

**QUADRO 1 – DIFERENTES DEFINIÇÕES PARA AUTONOMIA**

<b>Autor</b>	<b>Definição</b>
<b>Holec (1981)</b>	[...] autonomia é a habilidade de uma pessoa para assumir a sua própria aprendizagem.
<b>Young (1986)</b>	[...] a ideia fundamental em autonomia é a de que o aprendiz pode criar seu próprio mundo sem sujeitar-se à vontade alheia.
<b>Dickinson (1987)</b>	[...] autonomia descreve a situação na qual o aprendiz é totalmente responsável por todas as decisões relacionadas com a aprendizagem e com a implementação dessas decisões. Na autonomia total, não há envolvimento de um professor ou de uma instituição e o aprendiz é, também, independente de material preparado especialmente para ele.
<b>Allwright (1990)</b>	[...] autonomia é um estado de constantes mudanças que possui, a qualquer hora, um estado de equilíbrio entre o máximo autodesenvolvimento e interdependência humana.

<b>Little (1991)</b>	[...] autonomia é a capacidade para distanciamento, reflexão crítica, tomada de decisão e independência de ações.
<b>Dickinson (1994)</b>	[...] autonomia na aprendizagem é, essencialmente, uma questão de atitude diante da aprendizagem.
<b>Benson (1996)</b>	[...] autonomia é, invariavelmente, a problematização de papéis sociais e relações de poder. O processo de autonomia na aprendizagem é, necessariamente, a transformação do aprendiz em um ser social. Em outras palavras, a autonomia transforma não apenas os indivíduos, ela transforma, também, as situações e estruturas sociais das quais eles são participantes.
<b>Cotterall (1995)</b>	[...] autonomia é o ponto em que os aprendizes demonstram habilidade para usar um conjunto de táticas para assumir o controle da aprendizagem.
<b>Macaro (1997)</b>	[...] autonomia é a habilidade de o aprendiz assumir a responsabilidade por sua aprendizagem e é, também, a habilidade de tomar para si a responsabilidade pela escolha de objetivos, conteúdo, promoção, métodos e técnicas de aprendizagem. É, também, uma habilidade de tornar-se responsável pelos passos e ritmo da aprendizagem e pela avaliação desse processo.
<b>Johnson e Johnson (1999)</b>	[...] a autonomia é baseada no princípio de que os aprendizes devem assumir o máximo de responsabilidade e controle sobre seus próprios estilos de aprendizagem e estágios fora das restrições da sala de aula tradicional.
<b>Benson (2001)</b>	[...] autonomia é a capacidade de alguém controlar sua própria aprendizagem.
<b>Miccoli (2005)</b>	[...] autonomia é uma atitude que demonstra que o aluno assumiu responsabilidade própria por seu processo de aprendizagem.
<b>Paiva (2005)</b>	[...] autonomia é um sistema sócio-cognitivo complexo, sujeito a restrições internas e externas. Ela se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula.

Fonte: Moura Filho (2009, p. 257-258)

Segundo Moura Filho (2009, p. 258), a existência de tantas definições para autonomia motivou pesquisadores a propor contradefinições e, com isso, colaboraram sua compreensão. São elas:

#### QUADRO 2 – CONTRADEFINIÇÕES PARA AUTONOMIA

Autor	Contra-definição
<b>Little (1991)</b>	1) não é auto-instrução ou aprendizagem sem professor; 2) não envolve o banimento das intervenções ou iniciativas do professor no processo de aprendizagem; 3) não é algo que os professores fazem para os alunos; 4) não é um comportamento único facilmente identificado; 5) não é um estado estável que, alcançado pelos aprendizes, dura para sempre.
<b>Dickinson (1994)</b>	1) autonomia não é licença para comportamentos irrestritos. Ela só faz sentido se operar inserida em uma estrutura organizada. Por exemplo: os aprendizes adultos são livres para frequentar ou não a escola, mas se eles a frequentarem, devem aceitar as convenções do ambiente e os papéis e direitos de todos os atores sociais envolvidos no contexto; 2) autonomia não é basicamente uma questão de espaço físico de aprendizagem. Por exemplo: frequentemente a autonomia é vista como uma questão limitada à colocação do aprendiz em isolamento ou em um centro de auto-acesso, pressupondo que o espaço físico é determinante na definição de autonomia; 3) autonomia não é uma ameaça ao emprego dos professores. Aos professores cabem novas funções, dentre elas estimular os aprendizes e exercer o papel de consultor, apoiando a aprendizagem dos alunos.

Fonte: Moura Filho (2009, p. 258)

Portanto, para este trabalho, um estudante autônomo é aquele capaz de controlar e dirigir sua própria aprendizagem. O aprendiz que possui habilidades aplicáveis para o desenvolvimento das estratégias de aprendizagem, como por exemplo, capacidade de assumir e guiar sua própria aprendizagem.

## 2.3 Estratégias de aprendizagem

Rubin (1987) em seus primeiros estudos, definiu estratégias de aprendizagem como sendo qualquer grupo de operações, fases, rotinas ou planos utilizados pelos aprendizes para facilitar a obtenção, armazenamento, recuperação e uso da informação adquirida. O estudo de Rubin (1987) era limitado a estratégias de natureza cognitiva. No entanto, Wenden (1987) afirma que as estratégias também devem ser tratadas no seu aspecto metacognitivo.

Segundo O'Malley e Chamot (1990), as estratégias de aprendizagem são processos mentais ou ações realizadas pelos aprendizes para ajudá-los a compreender, aprender ou reter novas informações. Já Oxford (1990) descreve a estratégia de aprendizagem como ações específicas realizadas pelos aprendizes para tornar sua aprendizagem mais fácil, mais rápida, mais amigável, mais autodirigida, mais eficaz e mais transferível a novas situações.

Cohen (1998, p. 4) considera as estratégias de aprendizagem como “[...] processos de aprendizagem conscientemente selecionados pelos aprendizes e que podem resultar em ações para melhorar a aprendizagem ou o uso de uma segunda língua e língua estrangeira [...]”.<sup>3</sup>

Podemos compreender melhor a diferenciação estabelecida por Cohen (1998) com o quadro a seguir:

**QUADRO 3 - DIFERENÇA ENTRE AS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E DE USO DA LÍNGUA**

Estratégias de aprendizagem de língua		Estratégias de uso da língua
<b>Cognitivas</b>	Memória: identificação agrupamento retenção armazenamento	Memória: recuperação preparação compensação comunicação
<b>Metacognitivas</b>	Planejamento: pré-planejamento planejamento on-line Supervisão	

<sup>3</sup> Tradução de Gagnoux (2006)

	Avaliação: pré-avaliação pós-avaliação	
<b>Afetivas</b>	Motivação Auto encorajamento Redução da ansiedade	
<b>Sociais</b>	Formulação de perguntas Cooperação com o outro Criação de oportunidades para interagir com falantes nativos	

(Fonte: Cohen, 1998)

Estratégia de aprendizagem é, portanto, processos e ações realizadas pelo aprendiz afim de ajudar, facilitar e melhorar a aprendizagem. Esses processos envolve a obtenção, armazenamento, recuperação e transferência da língua nova. Nesta pesquisa tomaremos o quadro de Cohen como base para identificar as estratégias utilizadas pelo participante.



### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Método e natureza

Este trabalho é um estudo de caso interpretativista (MOITA LOPES, 2000) de caráter qualitativo (DENZIN; LINCOLN, 1994) de um bom aprendiz de língua japonesa como LE.

Segundo Vieira-Abrahão (2006, p. 220), a pesquisa qualitativa se caracteriza por:

- a) naturalistas – realizados dentro de contextos naturais;
- b) descritivas – os dados coletados tomam forma de palavras ou figuras;
- c) processuais – interesse no processo, não se preocupando com o produto;
- d) indutivas – os dados são analisados de forma indutiva, não busca evidências que comprovem ou não hipóteses
- e) buscadora de significados – se preocupa com os significados construídos pelos participantes da pesquisa.

Além disso, Denzin e Lincoln (2006, p. 17) afirmam que “a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem”. Para a coleta de materiais empíricos, o pesquisador utiliza-se de prosa etnográfica, narrativas históricas, relatos em primeira pessoa, imagens congeladas, histórias de vida, entre outros.

Desta forma, esta pesquisa se configura como qualitativa, uma vez que se encontra em um contexto natural, os dados coletados são descritos por

narrativas do participante, e busca os significados apresentados pelo participante.

Segundo André (2008), estudo de caso é um estudo aprofundado de um caso singular dentro de um contexto. Johnson (1992), disse que o estudo de caso é qualitativo e permite focar em uma única entidade para conhecer a fundo todas as qualidades do objeto de estudo.

É importante apontar que, de acordo com Adelman, Jenkins e Kemmis (1980 apud ANDRÉ, 2008, p. 16), o estudo de caso não é um método específico de pesquisa, mas sim uma forma particular de estudo. Utiliza-se de técnicas de observação, entrevista, análise de documentos, gravações, anotações de campo, para a coleta de dados, mas o que define o tipo de estudo não são essas técnicas, e sim, o conhecimento produzido por elas.

Stake (1994) divide o estudo de caso em três tipos: estudo de caso intrínseco, onde pesquisador tem interesse em um caso particular, por estar interessado em compreender esse caso em específico. O método de coleta pode ser: a história de vida, observação do participante, análise de documentos e entrevistas; estudo de caso instrumental e coletivo; instrumental – neste caso, o pesquisador tem interesse na questão em que um caso particular vai ajudar a esclarecer, e o método de pesquisa pode ser a entrevista individual e coletiva, análise de documentos e observações; estudo de caso coletivo – quando o interesse do pesquisador está em diferentes casos de uma mesma natureza, utiliza-se do método entrevista individual e coletiva, análise de documentos e observações.

No caso da presente pesquisa, o tipo de estudo de caso é intrínseco, uma vez que investigaremos a autonomia e as estratégias de aprendizagem de língua japonesa como língua japonesa, de apenas um aprendiz.

## **3.2 Contexto de pesquisa**

A pesquisa foi realizada, no 2º semestre de 2016 e 1º semestre de 2017 com um aluno do sexto semestre (no momento do 2º semestre de 2016) do curso de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa (Letras–Japonês), de uma universidade pública do Distrito Federal.

### **3.2.1 Descrição do curso de Letras-Japonês**

Curso de Letras-Japonês é composto por nove semestres letivos, divididos em duas grandes partes. Os 4 primeiros são dedicados para a aprendizagem da gramática e prática oral e escrita básica da língua japonesa. Nos 4 semestres seguintes os alunos aprofundam na gramática e praticam a língua japonesa intermediária, além da literatura japonesa que é ofertada a partir do sexto semestre. Encontram-se na grade obrigatória disciplinas como sociedade japonesa contemporânea, metodologia de ensino da língua japonesa, além das matérias ofertadas por outros departamentos, como o Departamento de Teoria e Fundamentos e o Departamento de Psicologia.

Por ser um curso de licenciatura, nos últimos semestres os alunos iniciam os estudos em relação à docência, com as disciplinas estágios supervisionados 1 e 2. Por fim, o último semestre do curso é dedicado ao Trabalho de Conclusão de Curso.

## **3.3 O participante**

O participante desta pesquisa é um aluno do sexto semestre do curso de graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa de uma universidade pública do Distrito Federal no momento do 2º semestre de 2016.

Antes de ingressar na universidade, estudava a língua japonesa numa escola de línguas. Ingressou na universidade em 2014. Pelo depoimento do participante da pesquisa, ele possuía N4 do Exame de Proficiência em Língua Japonesa<sup>4</sup> quando o mesmo entrou na universidade. Atualmente aos 21 anos já possui conhecimentos avançado da língua japonesa, onde foi aprovado pelo Exame de Proficiência em Língua Japonesa (JLPT) nível N2, sem nunca ter ido ao Japão. Assim que começou os estudos da língua japonesa, foi realizando o JLPT todos os anos, cada ano um nível superior, obtendo sucesso suscetíveis.

A partir de março de 2017, o participante foi ao Japão com bolsa de estudos oferecidos pelo governo japonês (JASSO) em que permanecerá durante 1 ano estudando em uma universidade japonesa.

Na universidade, as notas no Histórico Escolar são apresentadas como menções, sendo elas na ordem decrescente de valor em notas: SS, MS, MM, MI, II e SR. Além disso, há aproveitamento de crédito, quando solicitado, que está apresentado no histórico como CC. Segue tabela com os respectivos valores (notas) das menções:

**QUADRO 4 – RELAÇÃO DE MENÇÕES E NOTAS**

<b>MENÇÃO</b>	<b>NOTA</b>
SS – Superior	9,0 a 10,0
MS – Médio Superior	7,0 a 8,9
MM – Médio	5,0 a 6,9
MI – Médio Inferior	3,0 a 4,9
II – Inferior	0,1 a 2,9
SR – Sem Rendimento	Zero
CC – Crédito Concedido	N/A

<sup>4</sup> “O Exame de Proficiência em Língua Japonesa é um exame para avaliar e reconhecer oficialmente a proficiência em língua japonesa das pessoas que não têm o idioma japonês como língua materna(...)” (FUNDAÇÃO JAPÃO, 2009). O exame é composto por 5 níveis: N1, N2, N3, N4 e N5, onde o mais fácil é o N5 e o mais difícil, N1. Como parâmetro para a certificação, no nível N2 é necessário, além de compreender a língua japonesa utilizada em situações do cotidiano, ser capaz de compreender até certo grau a língua japonesa utilizada em situações mais amplas.

Influenciado pela cultura pop japonesa, como os desenhos, músicas e programas de televisão, foi despertando o interesse pela língua japonesa, uma necessidade de compreensão do que ouvia, na língua-alvo. O participante diz ter “se descoberto” com os estudos da língua japonesa.

Quando se viu com a necessidade de escolher um caminho para seguir no futuro, o participante que já havia começado os estudos da língua japonesa em uma instituição particular, não teve dúvidas e logo optou por ingressar no curso de graduação em língua japonesa. Até então, não havia nada que lhe atraísse, que gostaria de fazer. A única certeza que tinha era, a de querer trabalhar com algo relacionado à língua japonesa. Além disso, seu sonho de infância era o de ir ao Japão, e estudando japonês em uma universidade, pensou estar mais próximo de realizá-lo.

Segue abaixo uma tabela com as principais características do participante. Respeitando-se as considerações de ética e preservação da identidade, foi atribuído um pseudônimo a ele.

**QUADRO 5 – CARACTERÍSTICAS DO PARTICIPANTE**  
(no momento do 2º semestre de 2016)

<b>Nome</b>	Rodrigo
<b>Idade</b>	21
<b>Nacionalidade</b>	Brasileira
<b>Língua Materna</b>	Língua Portuguesa
<b>Estudo de outra língua</b>	Inglês, por 7 anos
<b>Já foi ao Japão</b>	Não
<b>Início de Estudos da Língua Japonesa</b>	2012
<b>Ingresso na Universidade</b>	1/2014
<b>JLPT aprovados</b>	N5 – aprovado em 2013 N4 – aprovado em 2014 N3 – aprovado em 2015 N2 – aprovado em 2016

### **3.4 Instrumentos de coleta de dados**

Segundo Vieira-Abrahão (2006), nenhum instrumento é suficiente por si só para um estudo adequado dentro de uma perspectiva mais contemporânea de investigação. Para tanto, faz-se necessária a combinação de vários instrumentos para promover a triangulação de dados. Portanto, para a realização da pesquisa, com o intuito de possuir dados suficientes para análise qualitativa, foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a) questionário misto;
- b) narrativa oral (entrevista livre) com gravação em áudio;
- c) entrevista semiestruturada.

#### **3.4.1 Questionário misto**

Segundo Vieira-Abrahão (2006), os questionários podem ser com itens fechados, itens em escala, itens abertos ou uma combinação desses elementos.

Nos questionários com itens fechados, as alternativas são fixas com sim ou não; concordo ou discordo; não sei, etc. Conforme a autora (2006), são mais fáceis de serem respondidos e, posteriormente, tabulados e tratados estatisticamente.

Os questionários abertos, têm por objetivo explorar as percepções pessoais, opiniões e crenças dos informantes. Conforme Vieira-Abrahão (2006, p. 222), “buscam respostas mais ricas e detalhadas do que aquelas obtidas por meio de questionários fechados”.

Os questionários mistos envolvem questões abertas e fechadas, com o objetivo de buscar informações pessoais, curriculares e expectativas, para comprovar ou não dados coletados por métodos qualitativos.

Neste estudo de caso foi utilizado um questionário misto, com o intuito de buscar informações pessoais, além de investigar perspectivas pessoais do aluno em relação aos estudos da língua japonesa e sua relação com ela.

### **3.4.2 Narrativa Oral**

As narrativas são autorrelatos orais ou escritos, de experiências pessoais. Utiliza-se de técnicas conversacionais, como entrevistas, discussões e conversas casuais por meio de relatos verbais escritos. São técnicas que buscam captar histórias dos narradores para explicar com maior profundidade suas ações e respostas. (VIEIRA-ABRAHÃO, 2006, p. 224).

Vieira-Abrahão (2006) salienta que, para a realização dos relatos orais na presença do pesquisador, o clima afetivo deve ser propício para que o participante se sinta à vontade para a narrativa.

Na presente pesquisa foi utilizada a narrativa oral com gravação, com o objetivo de registrar em detalhes todas as informações oferecidas pelo participante.

### **3.4.3 Entrevista semiestruturada com gravação**

Vieira-Abrahão (2006) afirma que, as entrevistas podem ser a ferramenta primária para coleta de dados em uma pesquisa, ou fonte de dados secundários utilizados na triangulação com dados coletados por outros instrumentos. Entrevistas são constituídas de perguntas realizadas na interação face a face entre o pesquisador e o participante e são classificadas em três tipos: estruturadas, semiestruturadas e livres.

As entrevistas semiestruturadas são caracterizadas por uma estrutura geral, mas com maior flexibilidade para o pesquisador direcionar sua entrevista.

Diferente da estruturada que é com perguntas fixas, na semiestruturadas o pesquisador apenas segue as questões orientadas, tendo liberdade em seguir ou não a ordem. Este instrumento melhor se adequa ao método qualitativo por permitir interações ricas e pessoais.

Utilizamos deste método para colher informações que não foram possíveis obter através do questionário e da narrativa. Foram formuladas algumas perguntas para guiar a entrevista (vide Apêndice 3), mas há uma possibilidade surgir novas questões que sejam pertinentes ao assunto. Assim, foi possível uma coleta de dados mais minuciosa.

### 3.5 Procedimento de coleta de dados

Primeiramente o participante recebeu o termo de consentimento (vide Apêndice 1) e, após ter concordado e assinado, foi enviado o questionário (vide Apêndice 2) misto via e-mail.

Em seguida foi feita a narrativa oral, em uma cafeteria da universidade, seguida pela narrativa escrita, realizada via e-mail e, por fim, a entrevista semiestruturada, por um aplicativo de videoconferência online.

Segue uma tabela resumida do procedimento de coleta de dados:

**QUADRO 6 – RESUMO DOS PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS**

	Data	Local	Duração
<b>Questionário Misto</b>	11/04/2016	Online	N/A
<b>Narrativa Oral</b>	16/04/2016	Universidade pública do Distrito Federal	31'29"
<b>Entrevista Semiestruturada</b>	24/06/2017	Online - Skype	10'08"



### **3.6 Procedimento da análise**

Após a coleta de dados a análise foi feita procurando obedecer a seguinte ordem:

- a) Identificar as estratégias de aprendizagem autônoma utilizada pelo participante fora de sala de aula;
- b) Descrever e categorizar das estratégias de aprendizagem utilizadas pelo participante;
- c) Realizar a triangulação dos dados coletados;
- d) Analisar e interpretar as informações relacionadas à autonomia e estratégia de aprendizagem de língua japonesa.

### **3.7 Princípios éticos**

Paiva (2005) e Celani (2005) concordam que para se evitar trazer danos e prejuízos aos participantes envolvidos, a pesquisa, ao envolver pesquisador e participantes, deve ser guiada pela ética.

Flick (2007) afirma que os participantes devem estar informados sobre a pesquisa e seus objetivos, o pesquisador deve preservar a identidade dos participantes e não se deve ter interpretações desvirtuadas durante a coleta e análise de dados. Acima de tudo, o pesquisador deve manter uma postura ética durante toda a pesquisa.

Para a preservação de identidade do participante, foi utilizado um nome fictício escolhido pelo próprio participante, bem como resguardado qualquer informação que possibilite a identificação do mesmo.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentadas as análises e interpretação dos dados coletados conforme indicado anteriormente.

Dividido em três grandes seções, serão apresentadas as ações tomadas autonomamente a respeito das estratégias de aprendizagem pelo participante antes (seção 4.1) e depois (seção 4.2) de ingressar na universidade, relacionando essas estratégias com as teorias que fundamentaram esta pesquisa. Posteriormente, serão apresentadas as estratégias de aprendizagem autônoma mais relevante utilizada pelo participante (seção 4.3).

### 4.1 As ações autônomas e estratégias de aprendizagem tomadas pelo aprendiz antes de ingressar na universidade

Nesta seção faremos a análise dos dados coletados referente ao momento antes de ingressar na universidade.

#### 4.1.1 Ações autônomas

Os primeiros sinais de autonomia de aprendizagem do participante surgem quando ainda estudava na instituição particular (ou seja, antes de ingressar na universidade), conforme afirma:

[1] No terceiro ano (de estudos da instituição particular), **comecei a estudar sem usar as aulas do curso** como apoio, procurando **meu próprio material** e estudando gramática todos os dias. (Questionário misto, doravante QM) (palavras entre parênteses e em negrito nossas)

[2] No terceiro ano, né, **eu não sabia o que fazer**, como estudar japonês sozinho, então comecei a baixar manual de gramática de japonês em inglês, era A Gramática Japonesa do autor Tae Kim. Usava esse livro como referência para estudar no N4. [...] Mais tarde, eu comecei a usar o “Nihongo Challenge”, o livro de *kanji* e gramática. (Entrevista semiestruturada, doravante ES)

No excerto 2 é possível identificar características de autonomia de acordo com as definições de Dickinson (1987), a semiautonomia. É visível que o aprendiz ainda está no estágio inicial da autonomia, ainda um pouco sem direcionamento com relação aos materiais didáticos que deveria usar.

Na seguinte afirmação também é possível observar sinais de autonomia, onde o participante toma a liberdade de atribuir um número a cada ideograma para sua memorização.

[3] Usei o material didático "Kanji Master" da editora ARC Academy como base, e aproveitei a divisão que o livro faz de grupos e subgrupos de *kanjis*, onde eu repetia todos os dias os *kanjis* estudados sem consultar o livro, usando o nome do grupo como referência, e também um **número que atribui ao próprio *kanji***. (QM)

Assim como no excerto 2, no trecho a seguir o aprendiz se mostra desorientado quanto ao aprendizado autodirigido.

[4] Eu não sabia como estudar. Não sabia. Não sabia o que fazer. Então eu comecei a baixar **um monte de material** na internet tentando estudar gramática. Sempre estudando gramática. E com o tempo, eu fui descobrindo a forma que funciona pra mim estudar e fui descobrindo materiais bons pra mim. (Narrativa oral, doravante NO)

Sentindo insuficiente o material utilizado na instituição particular, depois de analisar suas necessidades, optou pelo estudo da gramática para auxiliar seu aprendizado:

[5] Na instituição particular, tinha muito vocabulário, e apesar de ter explicação gramatical, eu não achava o suficiente. A língua japonesa, pra quem aprende como segunda língua, ele é construído de expressões. Eu posso saber as palavras que estão falando, mas não saber qual o sentido da frase porque não tenho conhecimento daquela expressão gramatical. (ES)

Desta forma, é possível perceber características de autonomia no participante, que possui atitude e motivação fazendo reflexões sobre sua aprendizagem da língua alvo. Essas duas características fazem parte dos três pontos citados por Rubin (1975).

#### 4.1.2 Estratégias de aprendizagem

Conforme categoria de estratégias de aprendizagem de Cohen (1998), nos anos iniciais o participante utilizava de métodos cognitivos para memorizar vocabulário.

[6] Na época em que estudava na instituição particular, especialmente nos dois primeiros anos, foquei totalmente em estudo de vocabulário para criar a base necessária para prosseguir os estudos sozinho. Usava o aplicativo *Anki* para criar meus *cards* [...]. (QM)

De acordo com a tabela de Cohen (1998), o uso de aplicativos como o *Anki*<sup>5</sup> é uma clara evidência de que o aprendiz utiliza de estratégias de aprendizagem cognitiva, com uso da língua para a memória. No trecho seguinte também é possível ver traços desta estratégia:

[7] Também estudava as expressões gramaticais e fazia os exercícios do livro "Minna no Nihongo"<sup>6</sup> **todas as sextas**<sup>7</sup>. (QM)

---

<sup>5</sup> "Anki é um *software* gratuito que ajuda a memorizar qualquer coisa mais facilmente" (Fonte: site ANKI BRASIL, acessado em 21/05/2017) Utiliza-se de duas estruturas: os baralhos e cartões. Os cartões são as informações que desejamos memorizar, sejam textos, imagens, mapas mentais, sons ou vídeos. Os baralhos são um conjunto de cartões. Assim, o próprio usuário alimenta o programa, com o conteúdo que lhe interessar.

<sup>6</sup> Um dos materiais didáticos de língua japonesa mais utilizados no mundo, da editora 3A Network.

Ainda no excerto 1, é possível identificar estratégias metacognitivas, sendo o estudo diário uma prática adotada pelo aprendiz, configurando-se um planejamento de estudos.

[1] No terceiro ano (de estudos da instituição particular), comecei a estudar sem usar as aulas do curso como apoio, procurando meu próprio material e estudando gramática **todos os dias**. (QM) (palavras entre parênteses nossas)

A estratégia de aprendizagem mais utilizada pelo aprendiz é a Cognitiva, de acordo com a tabela de Cohen (1998). Ou seja, o aprendiz utiliza mais da memória para seguir seu aprendizado.

## **4.2 As ações autônomas e estratégias de aprendizagem tomadas pelo aprendiz após ingressar na universidade**

Nesta seção faremos a análise dos dados coletados referente ao momento depois de ingressar na universidade.

### **4.2.1 Ações autônomas**

Durante a narrativa oral, é perceptível que o participante iniciou os estudos autônomos por sentir necessidade, pois percebeu que sem estudos independentes da sala de aula, sua aprendizagem na língua japonesa não evoluía. Assim, começou a busca por materiais didáticos de gramática na internet que poderiam auxiliar seus estudos e progredir a aprendizagem na língua japonesa.

---

<sup>7</sup> As aulas na instituição particular ocorriam aos sábados.

[8] A gente estuda japonês, só que a gente vai ver alguma coisa e a gente fica perdido na hora. Sempre. [...] E aí eu peguei em 2014, comecei a estudar pro N4, não sabia quase nada de gramática [...] e falei a partir de agora, no momento que entrei na universidade, vou começar a pegar pesado aqui. (NO)

A necessidade de evoluir, avançar e aperfeiçoar nos estudos da língua japonesa fez com que o estudante buscasse, por conta própria, mais materiais que pudessem auxiliá-lo nesta evolução.

#### 4.2.2 Estratégias de aprendizagem

Após ingressar na universidade, o aprendiz buscou contato direto com a língua-alvo, por meio de mídias digitais e programas de televisão:

[9] O meu estudo fora de sala de aula tem o foco de me tornar apto a entender conteúdo feito para nativos. Com isso em mente, comecei a assistir telenovelas e desenhos japoneses sem legendas, quase todos os dias. **Dando pausa e pesquisando** aquilo que não entendia. (QM)

[10] Mesmo não entendendo nada, eu vou começar a tirar legenda de tudo. Eu falei, não quero mais, não vou entender as coisas que tô assistindo, mas vou tirar a legenda. (NO)

Pesquisar vocabulários e expressões também fazem uso de estratégias de aprendizagem cognitivas, uma vez que usa da memória para identificar, reter e armazenar a informação nova.

As buscas por materiais feita por nativos para nativos era tão importante ao aprendiz que permaneceram e seus estudos ficaram baseados nesses materiais:

[11] Ao se ouvir e ler em japonês se desenvolve como resultado direto a habilidade de falar e escrever. Usei materiais de leitura desenvolvido para estrangeiros, mas sempre lendo na internet **conteúdo feito de nativo para nativo**, e também sempre tentando ler livros [...]. (QM)

Nos excertos 12 e 13 o aprendiz explica que tipo de materiais são esses:

[12] Materiais de leitura para estrangeiros são livros didáticos, que têm textos. Por exemplo, o “Minna no Nihongo” tem **(texto de) conversação**, isso é um material de leitura para estrangeiro. Agora, o material mais complexo seria **o livro desenvolvido para o JLPT**, eles têm vários textos. Então no início, eu usava esses textos mas não ficava só nisso, tentava pegar alguma coisa na internet, podia ser **até pesquisar no Google e ver uma expressão fechada de uso da gramática que tô aprendendo**. (ES) (palavras entre parênteses nossa)

[13] O primeiro livro que li em japonês foi um **livro de autoajuda**, pois livros de autoajuda têm linguagem mais simples. É um tipo de literatura que eu não leio, mas me forcei a ler pois era um tipo de linguagem que eu conseguia entender. Depois comecei a ler os **livros do Haruki Murakami**, que eu gosto. (ES)

No excerto 12 o aprendiz demonstra que, de início, forçou-se a ler textos mesmo que não fossem do seu interesse, para poder praticar e incorporar a língua. Depois de já adquirir nível suficiente, passou a ler romances literários.

É visível que o aprendiz sempre buscou contato direto com a língua-alvo seja por meio de mídias digitais ou contato direto com falantes nativos. No trecho a seguir ele destaca seu contato com a língua-alvo:

[14] Tento sempre usar o japonês no meu dia-a-dia, me forçando a **pensar em japonês** ou conversando comigo mesmo em japonês e **até usando japonês com amigos e familiares mesmo que eles não entendam**, usava também um **site de bate-papo japonês sempre que possível**. Atualmente (abril de 2016), tenho **amigos japoneses com quem converso**, e me encontro com uma japonesa que está aprendendo português, todas as sextas, com o **objetivo de praticar a língua** (QM) (palavras entre parênteses nossas)

O contato direto e a criação de oportunidades de interação com falantes nativos da língua japonesa fazem parte de estratégias de aprendizagem sociais, conforme quadro de Cohen (1998).

Fazendo uma comparação com o antes e depois de ingressar na universidade, é possível observar que, depois de ingressar na universidade, o aprendiz teve mais oportunidade de contato com falantes nativos, além de buscar, por conta própria, materiais feitos para nativos.

### **4.3 Estratégias de aprendizagem autônoma mais relevantes**

Após analisar as estratégias de aprendizagem autônoma utilizadas pelo aprendiz e relacionar com a tabela de Cohen (1998), observamos que o aprendiz tem grande tendência de seguir com estratégias de aprendizagem cognitivas. Ou seja, o aprendiz participante da pesquisa utiliza de estratégias de aprendizagem voltada para o exercício da memória. Através de repetições, estudo contínuo e o contato direto com a língua nativa, principalmente depois de ingressar na universidade, auxiliaram no seu aprendizado. O uso das mídias digitais está constante nos estudos e ele procura, por conta própria, novos meios de expandir seu conhecimento.



## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **5.1 Retomando os objetivos de pesquisa**

Iniciamos o trabalho com o objetivo de investigar a autonomia e estratégias de aprendizagem da língua japonesa utilizadas por um bom aprendiz. Para chegar a este objetivo, foram propostos objetivos específicos que apresentamos a seguir:

- a) Identificar os indícios de autonomia do participante de pesquisa a respeito da aprendizagem de língua japonesa como LE;
- b) Identificar as estratégias de aprendizagem utilizadas pelo aprendiz;
- c) Analisar a relação entre o aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem.

### **5.2 Retomando as perguntas de pesquisa**

Para atingir os objetivos específicos, foram propostas perguntas que retomamos abaixo:

- a) Quais indícios de autonomia do participante de pesquisa a respeito da aprendizagem de língua japonesa como LE?
- b) Quais estratégias de aprendizagem são utilizadas pelo aprendiz?
- c) Qual relação entre o bom aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem?

O questionário misto aplicado ao participante e também a narração oral e a entrevista semiestruturada buscaram responder às perguntas de pesquisa. Como uma forma de responder a estas perguntas, fizemos uma análise dessas respostas e as conclusões estão apresentadas nas subseções a seguir.

### **5.2.1 Indícios de autonomia do participante de pesquisa**

A autonomia do participante nos estudos da língua japonesa como língua estrangeira teve início logo que começou o aprendizado da mesma, por se sentir que os estudos e os materiais usados na sala de aula eram insuficientes e buscou novos materiais que puderam complementar os estudos presenciais da instituição. Assim, o aprendiz buscou por materiais que servissem de apoio aos estudos presenciais. Com o tempo, tomou gosto pelos estudos autônomos e foi avançando cada vez mais, além do que propunha a instituição. Após ingressar na universidade, buscou contato com a língua nativa, seja por mídias digitais ou falantes nativos, o que aprofundou ainda mais seu conhecimento e adquiriu prática da língua.

### **5.2.2 Estratégias de aprendizagem utilizadas pelo aprendiz**

De acordo com a tabela de Cohen (1998) (cf. quadro 3 da seção 2.3), o participante da pesquisa utiliza principalmente de métodos cognitivos, ou seja, trabalha com a memória. Repetição e pesquisa de vocabulário e de expressões idiomáticas são características deste método.

Além da estratégia cognitiva, outras estratégias foram usadas pelo aprendiz, tais como: estratégias metacognitivas, uma vez que o aprendiz planeja o estudo e estuda diariamente. Além disso, é possível identificar estratégias afetivas, ao forçar-se a pensar na língua estrangeira e assistir

telenovelas sem legenda. Desta forma, surge um auto encorajamento, onde o aprendiz se motiva a continuar os estudos autônomos.

Traços da estratégia social estão presente no cotidiano depois de ingressar na universidade, onde o participante buscou contato direto com a língua nativa, praticando a língua com falantes nativos, seja pessoalmente ou por salas de bate-papo na internet.

### **5.2.3 Relação entre o aprendiz, sua autonomia e as estratégias de aprendizagem**

Podemos observar que o aprendiz tem bastante atitude e motivação para continuar com os estudos autônomos e utilizava de estratégias que auxiliassem melhor seus estudos, obtendo bons resultados. Ele buscava sempre evoluir, avançar nos conhecimentos daquilo que gosta, que era a língua japonesa. No questionário misto o participante disse o seguinte:

[15] A importância da língua japonesa é tão grande para mim que já não consigo desassocia-la de quem eu sou. Ela fez parte da minha formação e hoje faz parte da minha personalidade. Parar de estudar japonês, é para mim, o mesmo que deixar de ser eu mesmo. (QM)

É notável a importância da língua japonesa para o participante, que tem como motivação, também, o sonho de seguir carreira utilizando a língua japonesa. Ao iniciar os estudos, a língua japonesa construiu a forma de agir e de ser, ou seja, a língua como construção de identidade do sujeito.

### **5.3 Contribuições do estudo**

Este trabalho teve como objetivo investigar a autonomia e estratégias de aprendizagem da língua japonesa utilizadas por um bom aprendiz. Com a análise dos dados, foi possível identificar algumas estratégias, aplicáveis ou não a outros estudantes. Assim como citou Rubin (1975), para que um estudante seja autônomo é preferível que tenha esses três pontos: atitude, motivação e oportunidade. Porém isso não é tudo, não é porque o aprendiz não tem oportunidade que não poderá estudar línguas autonomamente. O conjunto desses três pontos são as condições favoráveis para um estudo autônomo.

Esperamos que, com os resultados deste trabalho, as estratégias utilizadas pelo bom aprendiz participante sirva de referência aos demais alunos, principalmente aos estudantes de Letras-Japônês, desta forma evitando a grande evasão que ainda existe no curso.

### **5.4 Limitações do estudo**

Por ser uma pesquisa de natureza estudo de caso intrínseco, investigamos apenas um estudante.

Um dos limitadores do estudo foi o fuso-horário diferente entre o pesquisador e o participante da pesquisa fez com que houvesse desencontros, atrasando na coleta de dados. Desta forma, foi dispensada realização da coleta de dados por meio da Narrativa Escrita, antes prevista para a pesquisa.

### **5.5 Sugestões para pesquisas futuras**

Para pesquisas futuras, sugerimos investigar as crenças do bom aprendiz e em como isso influencia suas estratégias de aprendizagem. Além

disso, sugerimos investigar com maior número de participantes, podendo até mesmo aplicar os resultados desta pesquisa com os demais estudantes e avaliar sua eficácia.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber, 3. ed., 2008.
- BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.1, n. 1, p. 71-92, 2001.
- BENSON, P. Concepts of autonomy in language learning. In: PEMBERTON, R. et al. (Ed.). **Taking control: autonomy in language learning**. Hong Kong: Hong Kong University Press, 1996. p. 27-34.
- \_\_\_\_\_. The Philosophy and Politics of Learner Autonomy. In: BENSON, Phil; VOLLER, Peter. **Autonomy and Independence in Language Learning**. London: Longman, 1997.
- BOHN, H. I.; VANDRESSEN, P. (Org.). **Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.
- BROWN, D. **Teaching by Principles: an interactive approach to language pedagogy**. Eaglewood Cliffs, Prentice Hall, Regents, 1994.
- CASTRO, G. T. I.; SEBA, R. G. O desenvolvimento da autonomia através do material didático de um curso de língua estrangeira a distância. **Revista Desempenho**. Brasília, v. 1, n. 1, jun. 2010, p. 28-50.
- CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, v. 8, n. 1, 2005, p. 101-122.
- CHAMOT, A. U. Issues in Language Learning Strategy Research and Teaching. **Electronic Journal of Foreign Language Teaching**, v. 1, n. 1, p. 14-26, 2004.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COHEN, A. **Strategies in Learning and Using a Second Language**. London, New York: Longman, 1998.

COUTINHO, C. P.; CHAVES, J. H. O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 15, n. 1, p. 221-243, 2002.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DICKINSON, L. **Self instruction in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DÖRNYEI, Z. **Research methods in Applied Linguistics**: quantitative, qualitative and mixed methodologies. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GAINOUX, K. C. M. **O efeito da instrução de estratégias de aprendizagem no desenvolvimento da produção oral de alunos de inglês da Universidade Federal do Pará**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ensino e Aprendizagem de Línguas) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n.2, p. 57-63, 1995.

LEFFA, V. J. Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas. In: NICOLAIDES C. et. al. (Orgs.). **O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras**. Pelotas: UFPEL, 2003. p. 33-49.

LITTLE, D. **Learner autonomy 1**: definitions, issues and problems. Dublin: Authentik, 1991.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **Tendências atuais em pesquisa de Linguística Aplicada**. São Paulo: UNITAU, 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MALCOM, D. An Arabic-speaking English learner's path to autonomy through reading. In: BENSON, P.; NUNAN, D. (Ed.) **Learners' Stories**: Difference and diversity in language learning. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 69-82.

MICCOLI, Laura Stella. Autonomia na aprendizagem de língua estrangeira. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p.31-51.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de lingüística aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

MOURA FILHO, A.C.L. **O que há em um nome? O estado-da-arte da autonomia na aprendizagem de línguas**. Linguagem & ensino. Pelotas, v.12, n.1, p. 253-183, jan/jun. 2009.

MUKAI, Y. As pesquisas em crenças no ensino-aprendizagem de japonês como LE no Brasil. **Estudos Japoneses**, v. 36, p. 169-183, 2016.

NAIMAN, N. et al. **The good language learner**. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1978.

NICOLAIDES, C. S. **A busca da aprendizagem autônoma de língua estrangeira no contexto acadêmico**. 232f. 2003. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

NISHIHATA, Saori. **Não me considero um aprendiz autônomo em relação à língua japonesa**: crenças e ações de aprendizagem de estudantes com baixo aproveitamento acadêmico. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2017, 155 f. Dissertação de mestrado.



NUNAN, D. **Second Language Acquisition**. In: CARTER, R.; NUNAN, D. *The Cambridge Guide to Teaching English to Speakers of Other Languages*. Cambridge University press, 2001.

OLIVEIRA, A. W. M. de. **É assim que eu escrevo**: estratégias de aprendizagem de kanji e crenças de professores de língua japonesa em formação. 2013. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

O'Malley, J.; CHAMOT, A. **Learning strategies in second language acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OXFORD, R. L. **Language learnig strategies**: what every teacher should now. Boston. Heinle & Heinle, 1990.

PAIVA, V. L. M. O. Estratégias individuais de aprendizagem de língua inglesa. **Letras e Letras**, v. 14, n. 1, p. 73-88, 1998.

\_\_\_\_\_. Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem. In: FREIRE, M. M; ABRAHÃO, M.H.V; BARCELOS, A.M.F. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. Campinas e São Paulo: Pontes e ALAB, 2005. p.135-153.

RUBIN, J. **What the “good language learner” can teach us**. *TESOL Quarterly*, 9, 1975. p. 41-51.

\_\_\_\_\_. Theoretical assumptions, research history and typology. In: WENDEN, A. & RUBIN, J. **Learner strategies in language learning**. London: Prentice Hall, 1987. STAKE, R. E. **The art of case study research**. London: SAGE Publications, 1995.

STERN, H. H. **What can we learn from the good language learner?** *The Canadian Modern Language Review*, 34, p. 304-318, 1975

TELLES, J. A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!”: Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**, v. 5, n. 2, 2002, p. 91-116.

Van LIER, Leo. **Programming excellence**: a curriculum for foreign language education, 2000.

VILAÇA, M. L. C. Classificação de estratégias de aprendizagem de línguas: critérios, abordagens e contrapontos. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 10, n. 36, p. 43-55, 2011.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Orgs.). **Crenças e ensino de línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 219-231.

## APÊNDICE A



Universidade de Brasília  
 Instituto de Letras – IL  
 Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET  
 Curso de Letras-Japonês  
 Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso – Japonês  
 Orientador: Prof. Dr. Yuki Mukai  
 Orientanda: Danyella Nunes

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa a respeito do aprendizado da Língua Japonesa como língua estrangeira para o Trabalho de Conclusão de Curso - Japonês na Universidade de Brasília.

Eu, \_\_\_\_\_ li antes de assinar este documento e declaro que concedo à investigadora Danyella Nunes o direito de uso dos dados coletados por meio de questionário, narrativas escrita e oral (com gravação de áudio) e entrevista (com gravação de áudio). Portanto, concordo em participar voluntariamente da investigação, assegurando que as informações por mim divulgadas serão verídicas.

Estou ciente de que:

- A presente pesquisa está sendo realizada com o objetivo de coletar dados necessários para a conclusão de monografia elaborada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso - Japonês;
- A minha participação é de natureza voluntária e que, em momento algum, me senti coagido(a) a participar;
- Posso retirar o meu consentimento e encerrar a minha participação em qualquer estágio da investigação;
- Todas as minhas respostas escritas ou orais permanecerão anônimas e a minha identidade será totalmente resguardada, sendo apenas identificada por pseudônimo ou código;
- As minhas respostas poderão ser utilizadas no todo ou em parte, em comunicações em congressos, publicações em livros, periódicos impressos ou *online*;
- A minha participação nesta investigação envolverá o preenchimento de questionário escrito, narrativa escrita e oral e a participação de uma entrevista oral individual.

Declaro que fui informado(a) dos procedimentos que serão utilizados e que terei a minha identidade preservada por pseudônimo ou código, conforme um dos princípios éticos da investigação acadêmica e entendo qual será a minha contribuição como participante. Afirmo, ainda, que recebi uma cópia deste termo de consentimento. Assim sendo, desejo dar minha contribuição voluntária como participante.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
 (assinatura do/a participante)

Contato (e-mail): \_\_\_\_\_

Pesquisador: Danyella Nunes (danyany@gmail.com)

## APÊNDICE B

### QUESTIONÁRIO MISTO

#### QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA JAPONESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

O presente questionário é composto de 17 perguntas, dispostas entre itens fechados e abertos. Nessas perguntas, abordaremos temas relacionados a sua atuação como aluno de língua japonesa como língua estrangeira.

Ao responder o presente questionário, você estará gentilmente colaborando com uma monografia de Trabalho de Conclusão de Curso sobre o aprendizado de língua japonesa como língua estrangeira. Todas as informações descritas aqui serão preservadas em sigilo absoluto, sendo somente manuseadas pela pesquisadora Danyella Nunes. Cumpre-nos ressaltar que sua identidade será preservada pelo uso de pseudônimo à sua escolha e quaisquer caracterizações que possam lhe identificar serão omitidas.

Agradeço por sua prestimosa colaboração em contribuir de maneira significativa a esta pesquisa.

**\*Obrigatório**

Seção sem título

1. 1. Nome (não será divulgado) \*

---

2. 2. Pseudônimo escolhido \*

---

3. 3. Idade \*

---

4. 4. Sexo \*

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

5. 5. Nacionalidade \*

---

6. 6. Cidade de residência \*

---

---

7. 7. Período de ingresso na universidade. Ex.:  
2/2010 \*

8 8. Quando ingressou no curso de Letras-Japonês, já possuía conhecimento prévio da língua japonesa? \* Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

9. a) Se sim, onde estudou? (Ex.: numa escola de línguas, no centro de línguas do ensino médio, autodidata, etc.)

---

---

---

---

---

10. b) Se sim, qual período que estudou? (Ex.: Autodidata: 06/2000 a 12/2000 / Numa escola de língua japonesa: 03/2004 a 12/2005)

---

---

---

---

---

11. 9. Estuda/estudou outra língua? Se sim, qual(ais) e por quanto tempo? \*

---

---

---

---

---

12. 10. Já foi ao Japão? Se sim, quando foi, por quanto tempo ficou e qual o objetivo da estadia? \*

---

---

---

---

---

13. 11. Já realizou o Exame de Proficiência em Língua Japonesa (JLPT)? \* Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

14 a) Se sim, quando e para qual(ais) nível(is)? Detalhe também os resultados (notas) obtidos.

---

---

---

---

---

15. 12. Por qual motivo começou os estudos da língua japonesa? \*

---

---

---

---

---

16. 13. Por qual motivo ingressou no Curso de Letras-Japonês de uma universidade pública? \*

---

---

---

---

---

17. 14. Qual a forma de estudos da língua japonesa fora da sala de aula? Favor detalhar de acordo com o período descrito no item 8 b. \*

---

---

---

---

---

18. 15. Descreva a forma de estudos (fora de sala de aula) principalmente depois de ingressar no curso de Letras-Japonês da universidade. (Ex.: Assisto telenovelas japonesas em casa, 3 vezes por semana, anotando expressões desconhecidas; Ouço músicas japonesas no carro e fico cantarolando; resolvo questões de gramática da língua japonesa em aplicativos

de smartphone todos os dias; duas vezes por semana treino o kanji escrevendo manualmente; etc.) \*

---

---

---

---

---

19 16. Fora de sala de aula, quanto e com que frequência você usa a língua japonesa? (Ex.:

converso duas vezes por semana com amigos japoneses via bate-papo online no computador) \*

---

---

---

---

---

20. 17. O que é a língua japonesa (a existência da língua japonesa) para você? \*

---

---

---

---

---

## APÊNDICE C

### ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1) No início dos estudos por conta própria, você optou por estudar gramática. Por quê?

2) No questionário misto, você disse que no terceiro ano de estudos da instituição particular começou a procurar seu próprio material e estudava gramática todos os dias. Que materiais são esses?

3) Ainda no questionário misto, afirmou usar materiais de leitura desenvolvido para estrangeiros e lia também na internet conteúdo feito para nativos. Que materiais são esses e o que é esse conteúdo feito para nativos?

4) Além dessas leituras, disse também que tentava ler livros. Que tipo de livro são esses?